

### 3. Relação Professor/Aluno

Quando tratamos da relação professor e aluno, estamos diante de duas categorias: o professor e o aluno. Assim, questionamos: o que é ser professor? Qual seu papel na educação? Quanto ao aluno, a seguinte questão: quem é o sujeito aluno? Podemos responder estas questões, buscando o questionamento da pesquisadora Marli André no seu ensaio de título "Pesquisa, Formação e Prática Docente", onde a autora levanta a seguinte indagação: "O que se espera dos professores da escola básica?":

*Que eles assumam, de forma competente e responsável a sua tarefa de ensinar, a fim de que a grande maioria de seus alunos desenvolva uma atividade intelectual significativa, apropriando-se de conhecimentos fundamentais para uma inserção comprometida e ativa na sociedade. Essa é, sem dúvida, uma tarefa extremamente difícil, desafiadora, exigente*

(ANDRÉ, 2001, p. 58).

A autora aponta que um professor assuma "de forma competente e responsável, a sua tarefa de ensinar." Já outro autor, Daniel Gil-Perez, na obra "Formação de professores de Ciências," corroborando com a pesquisadora Marli André, acrescenta alguns critérios ao professor diante da sua prática docente:

1. A ruptura com visões simplistas;
2. Conhecer a matéria a ser ensinada;
3. Questionar as ideias docentes de 'senso-comum';
4. Adquirir conhecimentos teóricos sobre a aprendizagem das ciências;
5. Saber analisar criticamente 'o ensino tradicional';
6. Saber preparar atividades capazes de gerar uma aprendizagem efetiva;
7. Saber dirigir o trabalho dos alunos;
8. Saber avaliar;
9. Adquirir a formação necessária para associar ensino e pesquisa didática.

(PÉREZ, 2006, p. 11)

O professor Marcos Masetto acrescenta as considerações dos autores acima citados, expondo que para um bom relacionamento entre professores e alunos, o professor deve propiciar:

- Situações em classe onde as quais o aluno se sinta à vontade para expressar seus sentimentos;
- Fazer com que a composição dos grupos de estudo varie no decorrer do curso;
- Tentar evitar que poucos alunos monopolizem a discussão;
- Compartilhar com a classe na busca de soluções para problemas surgidos com o próprio professor, com o curso ou entre alunos;

- Expressa aprovação pelo aluno que ajuda colegas a atingirem os objetivos do curso;
- Respeitar e fazer respeitar diferenças de opinião, desde que sejam opiniões bem fundamentadas;
- Expressar aprovação pelo aluno que toma iniciativa, desde que estas contribuam para o crescimento da classe;
- Usar vocabulário que é claramente compreendido pelo aluno.

(MASETTO, 1997, p. 120),

E quanto ao aluno? O que entendemos sobre ele? Como o professor o vê? Quais são as concepções que se têm de aluno? Na historicidade da educação encontramos várias concepções de aluno dependendo, sobretudo, do modelo de educação. Assim, através das épocas, há uma concepção sobre o processo educacional que evidencia um tipo de prática instrucional que também evidencia uma forma de conceber o aluno: alunos como receptáculos, onde o conhecimento é depositado (ensino tradicional); o aluno como construtor de conhecimentos (ensino construtivista); o aluno como sujeito histórico, inserido numa realidade concreta, capaz de conscientização e transformação do que lhe seja determinado (ensino sócio-histórico-cultural, ou propriamente, o ensino da escola de Vygotsky).

A educadora professora Maria da Graça N. Mizukami, na sua obra “Ensino: As abordagens do processo” (1986) faz um resgate histórico das abordagens do processo de ensino no Brasil e, entres vários itens das abordagens de ensino, consta o da relação entre professor e aluno que podemos conferir no quadro abaixo:

<b>As abordagens de ensino e a relação professor e aluno</b>	
<b>Abordagens</b>	<b>Relação professor e aluno</b>
<b>Tradicional</b>	Relação vertical. O professor detém poder decisório quanto à metodologia, conteúdo, avaliação. Ao aluno era reservado o direito de aprender sem qualquer questionamento, através da repetição e automatização de forma racional.
<b>Comportamentalista</b>	O professor, nesse processo, é considerado como planejador e um analista de contingências, ou mesmo, um engenheiro comportamental; o elemento principal passa a ser a organização racional dos meios, ocupando o professor e aluno posição secundária, relegados que são a condições de executores de um processo cuja concepção, planejamento, coordenação e controle ficam a cargo de especialistas supostamente habilitados, neutros, objetivos e imparciais.

<b>Abordagens</b>	<b>Relação professor e aluno</b>
<b>Humanista</b>	O professor é considerado facilitador da aprendizagem. Compreende o aluno empaticamente fazendo de tudo para a criação de um clima favorável de aprendizagem. A responsabilidade da aprendizagem (objetivos) fica também ligada ao aluno, àquilo que é mais significativo para ele, e deve ser facilitada pelo professor. Portanto, o processo de ensino depende da capacidade individual de cada professor, de sua aceitação e compreensão e do relacionamento com seus alunos.
<b>Cognitivista</b>	Cabe ao professor criar situações, propiciando condições onde possam se estabelecer: reciprocidade intelectual e cooperação, ao mesmo tempo, moral e racional. O professor atua investigando, pesquisando, orientando e criando ambientes que favoreçam a troca e cooperação. Ele deve criar desequilíbrios e desafios, sem nunca oferecer aos alunos a solução pronta. Em sua convivência com alunos, o professor deve observar e analisar o comportamento deles e tratá-los de acordo com suas características peculiares dentro de sua fase de evolução.
<b>Sócio-cultural</b>	A relação professor aluno é horizontal e não imposta. O professor procurará condições para que, juntamente com o aluno, a consciência ingênua seja superada e que estes possam perceber as contradições da sociedade e grupos em que vivem. Professor e aluno aprendem juntos em atividades diárias. Nesta abordagem, o diálogo marca a participação dos alunos, juntamente com os professores. Os estudantes são partes do processo de aprendizagem que procura enfatizar a cooperação e o trabalho coletivo na resolução dos problemas sociais.

Fonte: MIZUKAMI, Maria da Graça Nicoletti. Ensino: As Abordagens do Processo. São Paulo: EPU, 1986.

Ressaltamos que o processo educativo, no meio escolar, se concretiza, efetivamente, no interior da sala de aula, numa relação de troca entre professor e aluno. Nesse processo, compete ao professor coordenar as atividades mediando conhecimentos, isto é, uma ação que passa pela prática pedagógica, pela Didática. Primeiramente, devemos ter em mente qual papel atribuímos ao processo educacional. Nesse sentido, no processo de ensino/aprendizagem requer-se o entendimento de sujeitos, que concepções temos de professor e quais concepções temos de aluno. Para tanto, nada mais conveniente que trazer como leitura complementar um texto de Paulo Freire, intitulado: “Carta aos Professores”.



## Ensinar, aprender: Leitura do mundo, leitura da palavra

Carta de Paulo Freire aos professores

Nenhum tema mais adequado para constituir-se em objeto desta primeira carta a quem ousa ensinar do que a significação crítica desse ato, assim como a significação igualmente crítica de aprender. É que não existe *ensinar sem aprender* e com isto eu quero dizer mais do que diria se dissesse que o ato de ensinar exige a existência de quem ensina e de quem aprende. Quero dizer que ensinar e aprender se vão dando de tal maneira que quem ensina aprende, de um lado, porque reconhece um conhecimento antes aprendido e, de outro, porque, observado a maneira como a curiosidade do aluno aprendiz trabalha para apreender o ensinando-se, sem o que não o aprende, o ensinante se ajuda a descobrir incertezas, acertos, equívocos.

O aprendizado do ensinante ao ensinar não se dá necessariamente através da retificação que o aprendiz lhe faça de erros cometidos. O aprendizado do ensinante ao ensinar se verifica à medida em que o ensinante, humilde, aberto, se ache permanentemente disponível a repensar o pensado, rever-se em suas posições; em que procura envolver-se com a curiosidade dos alunos e dos diferentes caminhos e veredas, que ela os faz percorrer. Alguns desses caminhos e algumas dessas veredas, que a curiosidade às vezes quase virgem dos alunos percorre, estão grávidas de sugestões, de perguntas que não foram percebidas antes pelo ensinante. Mas agora, ao ensinar, não como um *burocrata da mente*, mas reconstruindo os caminhos de sua curiosidade - razão por que seu corpo consciente, sensível, emocionado, se abre às *adivinhações* dos alunos, à sua ingenuidade e à sua criatividade - o ensinante que assim atua tem, no seu ensinar, um momento rico de seu aprender. O ensinante aprende primeiro a ensinar, **mas aprende a ensinar ao ensinar algo que é reaprendido por estar sendo ensinado.**

(...). Esta atividade exige que sua preparação, sua capacitação, sua formação se tornem processos permanentes. Sua experiência docente, se bem percebida e bem vivida, vai deixando claro que ela requer uma formação permanente do ensinante. Formação que se funda na análise crítica de sua prática.

Partamos da experiência de aprender, de conhecer, por parte de quem se prepara para a tarefa docente, que envolve necessariamente *estudar*. (...)

Começemos por *estudar*, que envolvendo o ensinar do ensinante, envolve também de um lado, a aprendizagem anterior e concomitante de quem ensina e a aprendizagem do aprendiz que se prepara para ensinar amanhã ou refaz seu saber para melhor ensinar hoje ou, de outro lado, aprendizagem de quem, criança ainda, se acha nos começos de sua escolarização.

(...) o ato de estudar implica sempre o de ler, mesmo que neste não se esgote. De **ler o mundo**, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. (...) "leitura da leitura anterior do mundo", entendendo-se aqui como "leitura do mundo" a "leitura" que precede a leitura da palavra e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade. A leitura da palavra, fazendo-se também em busca da compreensão do texto e, portanto, dos objetos nele referidos, nos remete agora à leitura anterior do mundo. (...)

